

Matzevot kevurah esquecidas — resgate etnoarqueológico do Cemitério Judaico de Gurupá, Pará, Brasil

Forgotten *Matzevot kevurah* — ethnoarchaeological research of the Jewish Cemetery in Gurupá, Pará, Brazil



**Claudia Cunha^{1,2a*}, Fernando Marques³, Diego Fonseca⁴, Cássia Benathar,
Elton Farage⁵, Helena Lima^{3b}, Alegria Benchimol^{3c}**

Resumo O Cemitério Judaico de Gurupá, no Pará, esteve em uso entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX como local de sepultamento da comunidade judaica local, estabelecida na região por conta do comércio a retalho que teve seu auge durante o Ciclo da Borracha. Com o fim deste, o êxodo de grande parte das famílias praticantes do judaísmo, a consequente desestruturação desta comunidade e a conversão dos remanescentes ao cristianismo, o cemitério entrou em desuso. As lápides, em sua maioria escritas em hebraico, perderam significado com a morte dos mais velhos ainda falantes do idioma. O trabalho aqui apresentado envolveu a limpeza do espaço cemiterial e dos túmulos, o registro gráfico e fotográfico do espaço, a tradução

Abstract The Jewish Cemetery of Gurupá, in Pará, Brazil, was used as the burial ground for the local Jewish community between the second half of the 19th century to the first half of the 20th century. Having established commercial enterprises in the region during the Amazon Rubber Boom, the community collapsed along with that market in the early 1900s. After that, immigration of most practicing Jewish families and the conversion of the remaining ones to Christianity led to the abandonment of the space. The meaning of its headstones was lost as the Hebraic speaking elderly died. The main objective of this study was the recovery of information on the cemetery and on the community it served. This work consisted of the cleaning of the

¹ Centro de Ciências da Natureza — Universidade Federal do Piauí, Brasil.

² CIAS — Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, University of Coimbra, Portugal.

³ Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Pará, Brasil.

⁴ Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil.

⁵ Associação Nacional dos Oceanógrafos, Balneário Camboriú, Santa Catarina.

^a orcid.org/0000-0002-5073-1704; ^b orcid.org/0000-0001-5787-7231; ^c orcid.org/0000-0003-0920-992X

* Autor correspondente/Corresponding author: claudiacunha@ufpi.edu.br

das suas lápides e a recolha de informações orais junto à comunidade com o objetivo de resgatar parte da memória do espaço e da comunidade à qual ele servia. O estudo revelou aspectos inéditos da Antropologia Funerária de uma comunidade judaica na Amazônia e do seu esforço na manutenção das tradições hebraicas apesar do isolamento.

Palavras-chave: Cemitério; Judeus; Ciclo da Borracha; etnoarqueologia.

Introdução

A expressão “*Matzavtot Kvurat*” (pedra do túmulo, no plural “*Matzevot kevrarah*”) seguida pelo nome do ocupante do túmulo encima todas as lápides inscritas em hebraico e ainda legíveis do Cemitério Judaico de Gurupá (CJG), Pará. Esta introdução à dedicatória do túmulo é empregada com pequenas variações desde pelo menos o Período do Segundo Templo (530 AEC–70 EC) no território hoje ocupado por Israel (Hachlili, 2005), mas que tem raízes ainda mais antigas na região da Judeia. Bloch-Smith (1992) atribui seu uso em túmulos da Idade do Ferro (século VII AEC) a uma estratégia para inibir saqueadores. Normalmente a frase seguida do nome do dono do túmulo aparece acompanhada de uma advertência (a de que o túmulo contém apenas os ossos de seu ocupante e ne-

space and the tombs, data collection and translation of the dedications on the headstones; graphic and photographic register of the space and collection of the oral history of the place among people living in Gurupá. Main results included new data on the Funerary Anthropology of this community and their struggle to keep their traditions in the isolation of the Amazon jungle.

Keywords: Cemetery; Jewish; Amazon Rubber Boom; ethnoarchaeology.

nhuma riqueza) e uma maldição a quem o profanar. A frase, perdendo seu caráter de advertência original é atualmente entendida como parte da fórmula Talmúdica para garantir que a memória do morto não será esquecida. Este trabalho tem como objetivos principais (I) resgatar parte do que foi esquecido sobre um espaço funerário hoje não mais utilizado na região do Baixo Rio Amazonas; (II) contextualizar a presença judaica em Gurupá e, (III) usando a perspectiva da Etnoarqueologia cemiterial, levantar informações sobre o CJG e seus ocupantes.

Segundo Moreira (1989), a presença judaica no Estado do Pará (Brasil) é atestada em documentação oficial desde o início do século XVIII, embora de forma dispersa e pouco numerosa. Na maior parte dos casos, os indivíduos aparecem nos documentos oficiais e crônicas do período como “cristãos-novos” ou, em situa-

ções depreciativas, com epítetos negativos atribuídos a praticantes do então crime de judaísmo. De uma maneira geral, a perseguição religiosa do período acabou gerando a figura do criptojudeu, ostentando uma persona social cristã mesmo que em privado ainda praticasse a sua religião (Moreira, 1989; Benchimol, 2009). A maioria dos criptojudeus ou cristãos-novos provinham de Portugal e Espanha, os *megorashim* (exilados ou expulsos da Ibéria) (Moreira, 1989). Como em outras regiões do Brasil, estes haviam aqui chegado não como componentes de grandes levadas migratórias, mas individualmente ou em pequenos grupos familiares no século XVII e teriam procurado integrar de forma discreta a população local, abandonando as evidências externas ou públicas da sua fé (Moreira, 1989; Falbel, 2008).

Durante o século XVIII e início do XIX, a maior parte do contingente migratório viria do Norte da África — particularmente do Magreb, os *toshavim* (forasteiros), originalmente falantes de árabe e berbere, com predominância de marroquinos. Para além da fuga às perseguições religiosas, estes buscavam novas oportunidades de fazer dinheiro na Amazônia (Moreira, 1989; Benchimol, 1998; 2009). Considerando-se o caráter individual da presença judaica durante o Brasil Colônia, os autores referidos assumem como primeira leva migratória de facto o fluxo vindo do Magreb a partir do século XVIII. Posteriormente, a anexação das regiões da Alsácia e Lorena à Alemanha

provocaria a expulsão de judeus dessas regiões num segundo fluxo migratório para o Pará. Já no início do século XX, seguiu-se a esse um terceiro movimento de famílias asquenazes (judeus alemães, poloneses e de países do Leste Europeu de língua ídiche). Uma quarta leva migratória era composta por foinquinitas provenientes da Turquia, Líbano, Síria e Egito (Benchimol, 1998; 2009).

A economia da comunidade judaica de Belém detinha-se principalmente no comércio, com o estabelecimento de grandes casas comerciais familiares já no início do século XIX. Os imigrantes *toshavim* magrebins, na sua maioria homens jovens solteiros e posteriormente suas famílias, foram integrados à vida econômica da comunidade na forma de vendedores, regatões que achavam na interiorização oportunidades comerciais levando produtos das “casas aviadoras” judaicas da capital para o interior e trazendo produtos do extrativismo com destaque para as drogas do sertão e posteriormente a borracha (Moreira, 1989). Neste contexto, os judeus se engendravam em uma complexa rede social de comércio a crédito, o chamado sistema de aviamento, enraizado em vários territórios da bacia amazônica no século XIX (Meira, 2017: 94).

Na região do Baixo Amazonas, localidades mais populosas acabaram concentrando comunidades judaicas compostas inicialmente por regatões e suas famílias trazidas de Belém, que fizeram da sede do município de Gurupá e de outras lo-

calidades do Baixo Amazonas entrepostos comerciais entre a capital e o interior (Benchimol, 2009). Na segunda metade do século XIX, mais da metade dos grandes comerciantes em Gurupá eram judeus (Moreira, 1989). Os registros cartoriais locais apontam para um grande fluxo comercial e aquisição de extensas propriedades rurais por judeus. Muitas dessas casas comerciais estavam nos lugares de extração da borracha, eram os chamados 'barracões'. O "comércio de aviação", do qual os comerciantes judeus faziam parte, abastecia as localidades interioranas de produtos industrializados (como querosene, tecidos, ferramentas, etc.) e levava os produtos da floresta (entre eles a borracha) para os centros urbanos maiores (Meira, 2017). A sede do município de Gurupá funciona até hoje como mercado abastecedor do comércio para outras localidades menores em seu território ou mesmo municípios vizinhos.

As perseguições religiosas promovidas pela Inquisição Portuguesa que se faziam sentir também na colônia inibiam a articulação comunitária judaica e a expressão da sua identidade. Este cenário sofreria mudança gradual em direção à liberalização progressiva do culto judaico e gradual assimilação à sociedade nacional apenas a partir do último quartel do século XIX (Falbel, 2008).

A abertura dos portos em 1808, a extinção da Inquisição Portuguesa em 1821, a Independência do Brasil em 1822, e, posteriormente, a instauração de uma

monarquia secular contribuíram para um aumento migratório judaico para a Amazônia (Benchimol, 2009) e para uma crescente liberdade religiosa, o que resultou na criação de suas casas de orações, que mais tarde tornar-se-iam as primeiras sinagogas de Belém, respectivamente a Essel (Eshel) Abraham (em 1823 ou 1824) e a Shaar Hashamain, cuja data de fundação enquanto sinagoga é controversa, mas deve ter acontecido entre 1826 e 1835 (Benchimol, 1998; 2009). Remete a este período o surgimento do primeiro cemitério hebraico na capital do Estado, a Necrópole Israelita na Avenida Serzedelo Corrêa (Moreira, 1989).

O dogma talmúdico exige que o praticante do judaísmo siga uma série de regras não apenas em vida. Estas regras sofrem pequenas variações não apenas diacrônicas mas também culturais, resultantes na maior parte dos casos de interpretações rabínicas diferentes do texto talmúdico por linhas filosóficas diversas dentro do judaísmo. Ao morrer, o indivíduo é sujeito a um longo e complexo tratamento funerário que se encerrará, na sua face pública, cerca de um ano após a morte e, na sua face privada ou familiar, prolongar-se-á para além disso, com regras de observância à memória do morto por aqueles que em vida lhe foram mais próximos a nível familiar. As diretrizes descritas pelo *Talmude* sofrem pequenas diferenças dentro das várias correntes do judaísmo, mas, em geral, incluem um período entre o falecimento e o enterro

(*Aninut*) em que a família faz os preparativos para o funeral e executa a purificação do corpo (*Tahará*). Esta primeira fase pode ser exclusivamente de responsabilidade familiar, mas, no caso de judeus que vivem em comunidades urbanas, é quase sempre compartilhada com a *Chevra Kadisha* local (associação religiosa encarregada de ações relacionadas com as cerimônias fúnebres da comunidade). O enterro é, da mesma forma, controlado pelo dogma, desde as orações que são ditas à procissão fúnebre, quantas e quais pessoas podem atender à cerimônia e onde o morto pode ser inumado. Neste caso, vale a pena ressaltar que é vedado que o morto seja enterrado em local público. Assim, o espaço funerário é uma propriedade particular do falecido ou família ou é um lote comprado no cemitério local administrado pela *Chevra Kadisha*. Na ausência de familiares, é esta instituição que se encarrega dos preparativos, do enterro e dos procedimentos posteriores a este (Tzipfel, 2012). É reforçada pelo dogma talmúdico a necessidade de simplicidade e uniformidade nas estruturas funerárias em um cemitério judaico. Não são permitidos adornos elaborados ou túmulos suntuosos e é determinado que sua construção siga a tradição local, de forma a que um não se sobressaia a outro. Assim, a escolha de materiais e as soluções construtivas tendem a ser relativamente uniformes.

Em contextos de repressão à fé judaica ou na inexistência de um cemitério

judaico na localidade, a inumação tradicional, como vários aspectos da cultura, busca soluções de compromisso com a fé oficial de forma a manter-se o máximo possível de acordo com o dogma. Nestes casos, o enterro é permitido como definitivo se cumpridas algumas regras: todo o lote onde está a sepultura ou sepulturas deve ser comprado em uma área ainda vazia do cemitério e cercado de forma a constituir um terreno próprio separado (Programa Lugares da Memória, 2015). Surgem assim espaços reservados para enterramentos judaicos, como acontece no cemitério Anglicano em Belém, pouco anterior à primeira necrópole israelita local (Moreira, 1989). No caso de inumações em cemitérios cristãos ou ecumênicos, é permitida a exumação dos restos mortais para reenterro em um cemitério judaico posteriormente.

O interesse em trabalhar no sentido de resgatar parte da história da comunidade judaica preservada na necrópole aqui discutida foi despertado nos autores pela constatação do estado de abandono e esquecimento desta estrutura urbana por parte da comunidade local. Quatro dos autores (CC, CB, EF e AB) têm também ligações afetivas, religiosas, étnicas e/ou familiares com o espaço e seus ocupantes.

Materiais e métodos

Neste trabalho, optou-se por uma abordagem não invasiva e conservado-

ra dentro dos preceitos do *Talmude*, que defende a não violação do túmulo após a inumação, exceto em situações excepcionais e com autorização rabínica.

O Cemitério Judaico de Gurupá (CJG), com uma área murada de 298 m², fica localizado na Rodovia Gurupá-Pucuruí

(Rodovia dos Trabalhadores), atualmente na periferia da sede municipal de Gurupá (Figura 1).

A primeira notícia formal da existência deste sítio é dada por um trabalho monográfico sobre a História dos Judeus em Gurupá (Benathar, 2015). Na mesma

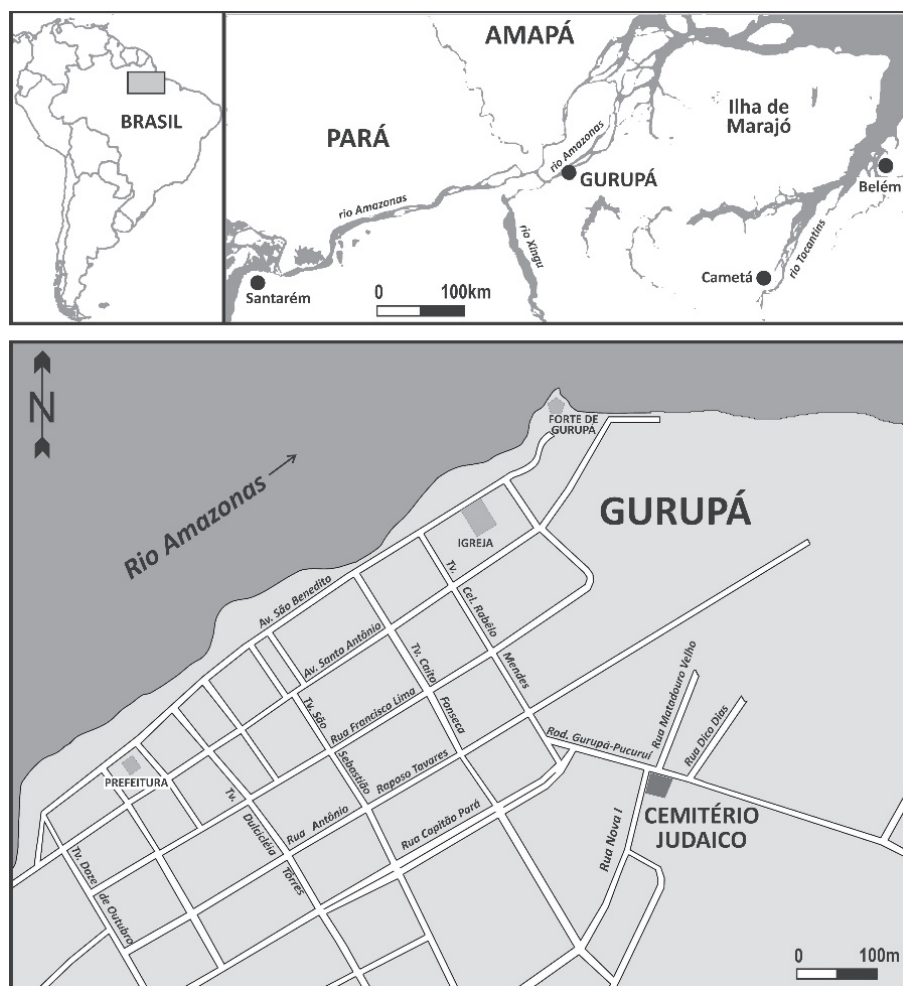


Figura 1. Localização da cidade de Gurupá e do Cemitério Judaico em relação à malha urbana e desta em relação ao Arquipélago do Marajó e do Brasil.

rua que o CJG, a 150 m, está localizado o que resta do Cemitério de Santo Antônio, segunda necrópole cristã da cidade. Apesar de bastante afetado por vandalismo, roubo de materiais construtivos e avanço da urbanização, as poucas lápides ainda presentes apontam para o seu uso no século XIX, ou seja, contemporâneo à necrópole judaica. A localização de ambos é condizente com a legislação em vigor desde o início do século XIX, que determinava a localização de cemitérios nos arredores das cidades por questões de higiene e saúde pública (Reis, 1991).

O espaço, que pertence formalmente ao Centro Israelita do Pará (Benathar,

2015), encontra-se parcialmente abandonado pela comunidade (Figura 2), com o poder público efetuando apenas a poda da vegetação sazonalmente por questões de segurança pública. Ocasionalmente, o espaço é usado para depósito de lixo clandestino e como local de consumo de drogas lícitas (álcool principalmente) e ilícitas.

Ao início do trabalho, ervas daninhas cobriam parcial ou completamente alguns túmulos e havia grande quantidade de lixo acumulado no espaço do cemitério. Os túmulos encontravam-se tomados por colônias de líquenes e em alguns casos semienterrados. Devido ao



Figura 2. Vista parcial do cemitério antes da intervenção.

estado de conservação do cemitério, foi necessária a implementação de medidas de limpeza da área intramuros e dos túmulos em si de forma a possibilitar o registro e análise. Para o procedimento de limpeza das lápides utilizou-se apenas água e escovas de *nylon*. Colaboraram na limpeza dos túmulos alunos de Arqueologia e voluntários da comunidade, principalmente crianças e jovens alunos das escolas locais, sob supervisão dos arqueólogos no terreno (CC, FM e DF).

Tendo em vista que «os jazigos constituem artefatos datáveis com precisão, já que nas lápides tumulares ficam em geral impressas as datas de nascimento e falecimento dos indivíduos que aí foram enterrados» (Lima, 1994: 89), utilizou-se as datas dos túmulos para construir uma cronologia de uso do espaço cemiterial e assim tornar possível uma confrontação perante a documentação histórica sobre os judeus em Gurupá e também à história oral recolhida junto aos moradores locais.

Considerando-se que este é um sítio de cariz funerário judaico, desenhou-se uma abordagem etnoarqueológica não invasiva do cemitério enquanto sítio arqueológico Contemporâneo. A Etnoarqueologia, amplamente utilizada na Amazônia para responder a questionamentos sobre sociedades indígenas do passado através do estudo dos seus congêneres contemporâneos (Silva, 2009), tenta conciliar dados etnográficos recolhidos junto a populações atuais e evidências arqueológicas para abordar

uma problemática específica. Neste trabalho, tentamos compreender práticas funerárias e dinâmicas sociais judaicas a ela relacionadas na cidade de Gurupá, Pará, Brasil, no final do século XIX e início do século XX. Faz-se isso a partir da conciliação de aspectos da Antropologia Funerária e cultura material relacionada com os espaços dos mortos (nomeadamente estruturas e espaços funerários) e o etnoconhecimento local sobre esta parcela da comunidade.

A abordagem de recolha de dados em campo consistiu em: (I) registro gráfico e fotográfico do sítio antes, durante e após a intervenção; (II) análise das estruturas funerárias abrigadas no espaço intramuros (técnicas construtivas, materiais empregados, distribuição espacial); (III) coleta de dados biográficos a partir das inscrições dedicatórias em lápides, com posterior tradução daquelas cujo texto está em hebraico, e por fim, (IV) coleta de informações orais com os moradores do entorno do cemitério.

Documentação primária foi consultada nos arquivos históricos locais, principalmente os pertencentes ao Cartório Lobato de Único Ofício de Gurupá.

Resultados

Foram identificados até o momento 29 túmulos (Figura 3 e Tabela 1) em uma área murada ligeiramente trapezoidal. Este número não corresponde ao total de tumulações no sítio, uma vez que podem

existir campas soterradas, principalmente na sua porção Leste e Sudeste onde há acúmulo de aterro e restos de vegetação. Existe uma discordância entre a orientação geral da distribuição dos túmulos e o traçado do muro atual, estando este conjunto em um bloco disposto em diagonal em relação ao espaço murado. Não há evidências à superfície de um muro limitando este bloco de estruturas, porém há que se pensar na possibilidade de haver existido uma cerca circunscrevendo o espaço original. Apenas escavações nos li-

mites do conjunto de túmulos poderiam verificar esta hipótese.

O muro do cemitério em cimento e alvenaria apresenta evidências de períodos construtivos distintos. O lado Sul e quase todo o lado Oeste são mais antigos do que os demais e devem corresponder a parte do cercado construído provavelmente na década de 1930, durante a administração de Jacob Marcos Benathar enquanto intendente de Gurupá (posteriormente inumado no túmulo 25 do CJG). A parede Norte é mais recen-

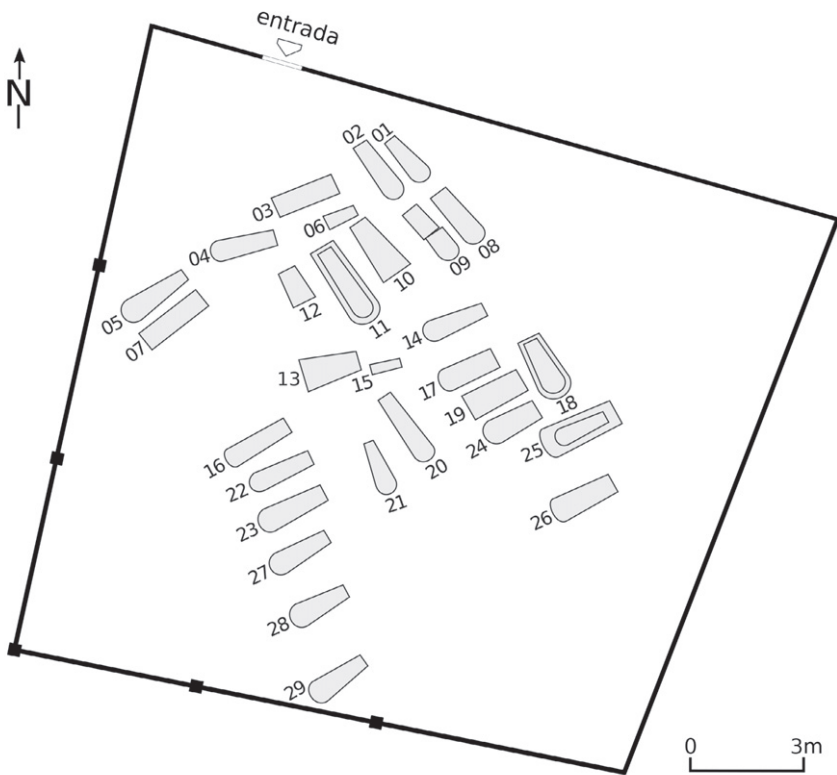


Figura 3. Configuração atual do CJG e distribuição dos túmulos no espaço intramuros.

Tabela 1. Túmulos identificados no CJG. Em itálico, inscrições em português.

n.º	Tipo ^a	Nome	Dedicatória ^b	Óbito
1	A	Iosef El-Rrarat	Lápide de Túmulo/ Iosef El-Rrarat/ N"lBO ^c , dia 23 do mês de/ AV Rarraman ano de 5656/ LP"K ^c	02/08/1896
2	A	Itzrak Sanani	Lápide de Túmulo/ (D)o jovem malgrado Itzrak/ Sanani, N"lBO ^c dia 18/ Do mês de IAR, ano/ 5666/ LP"K ^d	13/05/1906
3	B	Avraham Sicsu	Lápide de Túmulo/ Avraham Sicsu/ N"lBO ^c dia 06 do mês de Elul/ Ano 5646/T "N TZ B H ^e	06/09/1886
4	A	Itzrak Sicsu	Lápide de Túmulo/ (D)o jovem/ malogra- do/ Itzrak Sicsu/ N"lBO ^c dia 20 do mês de adar 01/ Ano 5646/ LP"K ^c	25/02/1886
5	A	Yhuda Sicsu	Lápide de Túmulo/ O jovem Yhuda Sicsu/ N"lBO ^c [trecho ilegível]/ 15 do mês de kislev/ Ano 5662/ T" N TZ B H ^d	26/11/1901
6	B		Sem suporte para inscrição	
7	A		Suporte para inscrição destruído ou au- sente	
8	A	Moshê Levy	Lápide de Túmulo/ (d)o idoso, correto/ temente a Deus, Moshê/ o Levy, filho de Itzrak, N"lBO ^c / dia 06/ do mês de chesvan/ ano 5654	16/10/1893
9	A	Morderray Azancot	Lápide de Túmulo/ (d)o idoso, correto/ Morderray/ Azancot, filho de yakov/ E aconteceu seu descanso / (No) dia 18 do mês / Shevat no ano/ 5646, LP"K ^d / T " N TZ B H ^e	24/01/1886
10	A		Sem suporte para inscrição	
11	A		Sem suporte para inscrição	
12	C		Sem suporte para inscrição	
13	C		Sem suporte para inscrição	
14	A	Sol Serfaty	Lápide de Túmulo/ (D)a senhora,/ a respei- tada,/ discreta/ chamada SOL, esposa do senhor/ respeitado Itzrak Serfaty, NL"O ^c / no dia 09 do mês de tevet/ no ano de 5649, LP"K ^d / T " N TZ B H ^e	13/12/1889

n.º	Tipo ^a	Nome	Dedicatória ^b	Óbito
15	C		Suporte para inscrição destruído ou ausente	
16	A	Itzrak (Isak)	Lápide de Túmulo/ [trecho ilegível] NLB"O ^c / Itzrak/ no dia 05, SHABAT 1º do mês de adar/ ano 5686/ T " N TZ B H ^e	19/02/1926
17	A	Sol Ben-atar	Lápide de Túmulo/ (D)a senhora/ respeitada/ discreta,/ sofrida/ Sol/ Esposa de/ Morderray Ben-atar/ Falecida no dia 1º de/ Av ano 5651	05/08/1891
18	A	Menahem de Mordejay Benathar	Lápide de Túmulo/ (D)o jovem, malgrado, Menarrem/ Ben-Atar, filho de Morderray/ NLB"O ^c dia 20/ Mês de nissan, ano 5671/ LP"K ^c — T " N TZ B H ^e ----- <i>Nasceu em 1881/ Menahem de Mordejay/ Benathar/ Fallecido em 18 DE/ ABRIL DE 1911</i>	18/04/1911
19	B		Suporte para inscrição destruído ou ausente	
20	A	Clara (...); Isaac Elarrat; Brrosel(?) Jacob; Serfaty Nilba; Ioshua Asar; Jomsel Lahodes	<i>[Linha superior ilegível] / Clara/ Istousel(?)/ Isaac Elarrat/ Brrosel [ou Bitosel] Jacob/ Serfaty Nilba/ Iomsiba (Ioshua?) Asar/ Jomsel Lahodes/elul [trecho ilegível] / 5674/ 28 8 1915</i>	28/08/1915
21	A	Sultana Castiel	Parte superior em hebraico parcialmente destruída/ NLB"O ^c , dia 12 de av/ Ano 5682/T " N TZ B H ^e ----- <i>Aqui repousam os/ Restos mortaes da/ Inno- cente e/ sempre chorada/ Sultana Castiel/ Nascida em 18-10/906,/ e/ Fallecida a 6-8- 922/ Paz á (sic) sua juvenil alma/ Recordação de/ Seus paes e irmãos/</i>	06/08/1922
22	A	Clara Serfaty	<i>Macei [trecho ilegível] / Clara/ [trecho ilegível] / Serfaty/ [trecho ilegível] / [trecho ilegível]/ 1919</i>	1919

n.º	Tipo ^a	Nome	Dedicatória ^b	Óbito
23	A	Itzrak	Lápide de Túmulo/ Itzrak filho de Benjamim [trecho ilegível] / [trecho ilegível] / Mês de elul [?], do ano [trecho ilegível] / 5660, LP ^{"K^d}	09/1900
24	A	Amram Peretz	Lápide de Túmulo/ (D)o jovem, malgrado, Amram Peretz filho de/ Yossef/ N ^{"LBO^b} / 14 do mês de reshvan/ Ano 5654/ LP ^{"K^d}	24/11/1893
25	A	Jacob Marcos Benathar	Lápide de Túmulo/ (D)o malgrado,/ Yakov, filho de Mordechay/ Ben-Atar, o Levy/ Lembra-se sua morte/ N ^{"LBO^c} , no dia 03/ do mês de elul/ ano de 5710/ T ^{"NTZ B H^e} ----- Jacob Marcos/ Benathar/ Nascido 30-8-1887,/ Falecido 15-8-1950/ Respeitosa e/ Saudosa/ Homenagem de/ Seus filhos e/ Primos	15/08/1950
26	A		Suporte para inscrição destruído ou ausente	
27	A	Messod Cohen	Lápide de Túmulo/ [trecho ilegível] / Messod filho de Itzrak, o Cohen/ NLB ^{"O^c} , no dia 13/ do mês de tevet/ Ano de 5657/ LP ^{"K^d}	18/12/1896
28	A	Clara Alcaim Levy	Lápide de Túmulo/ (D)a senhora/ CLARA, esposa de/ Shlomô, o Levy/ que faleceu no dia 1 do Shabat pequeno/ 17 do mês/ Elul do ano de 5689/ LP ^{"K^d} , T ^{"NTZ B H^e} ----- D. Clara Alcaim Levy/ Nascida a 2-6-1900,/ Fallecia a 22-9-1929/ Infinitas saudades/ Do seu esposo, paes,/ Filhos e irmãos.	22/09/1929
29	A	Estrella Serfati	[Linha superior ilegível] / Restos/ Mortaes de/ Estrella Serfati/ Fallecida em 1917 [OU 1919]. Trecho semiapagado]	1917 ou 1919

Tipo de túmulo de acordo com os materiais construtivos: (A) cobertos apenas por rochas irregulares; (B) em tijolo maciço sem argamassa, sem lápide; (C) em tijolo e cobertos por lápide.

- Barras separam cada linha do texto nas lápides.
- Acróstico *N^{"LBO}* "Que sua alma esteja no mundo das almas".
- Acróstico *L^{"PK}* "Um breve resumo".
- Acróstico *T^{"NTZBH}* "Que sua alma seja amarrada à Luz da Vida".

te e corre a 1,5 m para lá da fundação do muro original. Relatos dos moradores apontam para a sua construção recente (século XXI) motivada por um acidente automobilístico que derrubou este trecho do muro original. A parede Leste parece ser contemporânea a esta última e serve de limite a uma construção particular posterior a 2001.

Durante o trabalho de campo, procedeu-se à limpeza do cemitério com a recolha do lixo. Posteriormente, os túmulos em si foram intervencionados com a poda de ervas e a limpeza dos líquenes e detritos sobre as lápides (Figura 4).

Quatro túmulos (T06, T10, T11 e T12) estavam parcialmente soterrados e sua cobertura foi exposta com remoção de uma camada (<10 cm de profundidade) composta majoritariamente de restos vegetais (raízes e ervas) e pouco sedimento.

Os danos observados às estruturas tumulares são de cariz natural (meteorização, ataque de plantas e animais) e de cariz antrópico. Estes últimos são mais preocupantes e incluem acúmulo de lixo no espaço, vandalismo (ver fratura no T1, Figura 4) e roubo de lápides (Benathar, 2015) em, pelo menos, dois túmulos (T15 e T26) (Figura 5). O cemitério não



Figura 4. T1 antes e após procedimento de limpeza com remoção de líquenes e ervas daninhas.

dispõe de qualquer sistema de segurança ou vigilância. Os moradores mais próximos, principalmente os mais idosos, encarregam-se (nem sempre com sucesso) de coibir danos maiores. Eles relatam o progressivo abandono da área a partir da década de 1950, quando ocorreu o último enterramento. Benathar (2015) assinala que o abandono do cemitério enquanto espaço religioso ocorreu em 1943, quando os Castiel, última família praticante da religião judaica, deixam Gurupá. Contudo, uma reapropriação do espaço parece ocorrer no dia de finados, data religiosa cristã, quando pessoas nem sempre identificadas como parentes dos mortos vão ao espaço acender velas. Evidências dessa prática (restos de parafina derretida) foram observadas so-

bre alguns túmulos, nomeadamente os que trazem inscrição bilingue.

Na década de 1950, o intendente Wilson Benathar doou o espaço do CJG ao Centro Israelita do Pará numa tentativa de garantir a perpetuação da integridade do espaço nos moldes da tradição judaica (Benathar, 2015). Motivações familiares devem ter influenciado nesta iniciativa, uma vez que seu pai, Jacob Benathar (T25), seu avô, Marcos Jayme Aben-Athar, sua avó, Sol Benathar (T17), e seu tio, Menarrem Ben-Atar (Benathar) (T18), estão entre os judeus ali sepultados.

Em termos de materiais construtivos, foram identificados três tipos de túmulos (Figura 6): (A) cobertos apenas por uma camada de rochas irregulares; (B) outros em tijolo maciço sem argamassa e sem

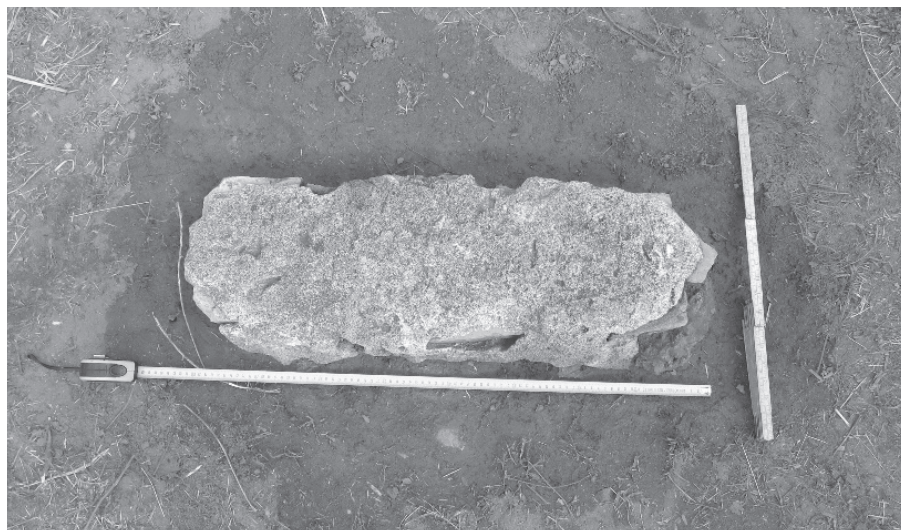


Figura 5. Túmulo de indivíduo não adulto (T15) onde é possível observar a argamassa de assentamento da lápide hoje ausente.

lápide, e, por fim, outros em tijolo maciço ou vazado com argamassa e cobertos por lápide (C). A maioria das lápides foram feitas em mármore, exceto a do T25, executada em material lítico não identificado. Os túmulos 10 e 11 parecem apontar para uma cronologia mais recuada no que se refere ao material construtivo. Além de claramente mais degradados que os demais, são ambos construídos com tijolos maciços e artesanais sem evidência de produção industrializada.

O tipo mais frequente de tumulação, Tipo C (15/29), corresponde à forma canônica de inumação judaica: sepulcro coberto com lápide com inscrições. Segundo o *Talmude*, é responsabilidade dos

familiares ou, na ausência deles, da *Chevra Kadisha* a colocação de uma lápide (a *matzvat kvurat*) em que são escritos o nome do falecido e fórmulas dogmáticas de encomenda da alma do morto. Às vezes são incluídos o nome do pai, mãe ou esposo, e dados biográficos restritos. A colocação desta lápide é obrigatória após o *Shivá* (período do luto). A cerimônia de dedicação da lápide ocorre na maior parte dos casos um ano após a morte, salvo exceções prescritas no ritual que podem alterar essa data. Cinco túmulos (números 16, 20, 22, 23 e 29) são uma variação do tipo C: não têm lápide em pedra, mas possuem inscrição dedicatória em argamassa. Apesar do mau estado de con-



Figura 6. Tipologia dos túmulos identificados. Da esquerda para a direita, túmulos 11 (tipo A), 8 (tipo B) e 12 (tipo C).

servação, ainda é possível ler a inscrição *Matzvat Kvurat* (Lápide do Túmulo) em duas delas (T16 e T23) apesar de *a priori* as respectivas *matzevot* não estarem lá.

Dentro do tipo mais comum de sepulcro no CJG (Tipo C), o formato mais frequente é um *tumulus* com ou sem lápide em forma geométrica composta por um trapézio encimado por um semicírculo na cabeceira.

Os túmulos 12 e 13 apresentam um padrão construtivo mais básico prescrito pelo *Talmude* e que consiste em marcar a extensão da cova com pedras. Já os túmulos 06, 10 e 11 são construídos seguindo uma lógica mais elaborada, que é a construção de uma estrutura tumular em alvenaria para o período após *Shivá*.

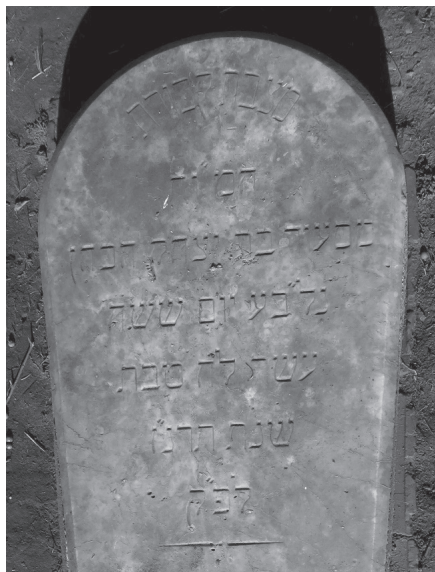


Figura 7. Detalhe da inscrição dedicatória do T27, escrita apenas em hebraico conforme dogma talmúdico.

Esta serviria de base para a lápide. Não existe evidência de que algum desses cinco túmulos tenha recebido a *matzvat*.

Foi possível coletar dados biográficos da maioria dos túmulos (20/29, 68,9%) com base em inscrições tumulares. A maioria destas (13/20, 65%) estão em hebraico apenas (Figura 7), o que condiz com a tradição talmúdica de optar apenas pela língua oficial religiosa. Cinco lápides (25%) apresentam inscrições tanto em português quanto em hebraico (Figura 8). Os túmulos 20 e 22 contrariam o dogma religioso ao não usar a língua canônica judaica.

O túmulo 20 é uma exceção no cemitério e uma contradição às regras do *Talmude*. Apesar de o enterro judaico ser normativamente individual, este sepulcro apresenta a inscrição de nomes de 6 indivíduos. As inscrições em argamassa estão parcialmente apagadas por deterioração do material, mas ainda é possível ler o nome de, pelo menos, dois indivíduos do sexo feminino — Clara (sobrenome ilegível) e Nilba Serfaty, e quatro outros indivíduos do gênero masculino com sobrenomes de diferentes famílias (Isaac Elarrat, Jacob Brrosel[?], Ioshua Asar) e um último indivíduo cujo nome aparece bastante danificado e praticamente ilegível (Jomsel[?] Lahodes[?]).

No CJG, foram identificados sobrenomes correspondentes a 12 famílias: El-Rrarat, Elarat (n=2); Sanani (n=1); Sicsu (n=3); Levy (n=2); Azancot (n=1); Serfaty ou Serfati (n=4); Ben-Atar ou Benathar

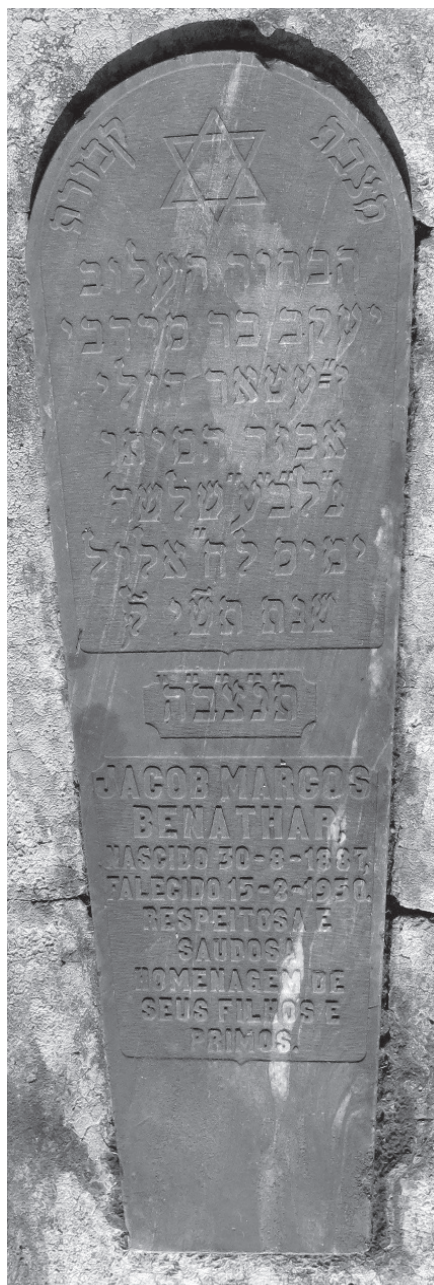


Figura 8. Lápide do T25 com dedicatória escrita em hebraico e português.

(n=3); Castiel (n=1); Peretz (n=1); Brrosel (n=1); Lahodes (n=1); Cohen (n=1).

As dificuldades da vida no interior do Pará no final do século XIX e início do século XX transparecem em alguns adjetivos usados em inscrições para se referir a certos indivíduos com “malgrado” (T02, T04, T18, T24, T25) ou “sofrido” (T17). Os registros cartoriais mencionam alguns óbitos expectáveis por doenças infecciosas tropicais. A “sofrida” Sol Benathar, que agora sabemos estar inumada no túmulo 17, teve uma história de vida marcada por tentativas de gerar uma menina em vão (Benathar, 2015), tendo concebido somente meninos: Menarrem, “o jovem, o malgrado” (T18), Jacob Marcos (T25) e um *inocente*¹. Natimortos e óbitos de gestantes em parto não eram incomuns na comunidade.

Às dificuldades no que se refere aos cuidados de saúde naquele ponto isolado do território soma-se a rejeição social. O judeu era para o geral da população o deícida, o errante, o usurário, a pessoa nefasta (Benchimol, 2009). Algumas das famílias judaicas, como os Aben-Athar e Castiel, prósperas financeiramente, sofriam com o isolamento, agressões, resultando em casos de depressão em alguns indivíduos e na ruptura da estrutura familiar com membros que, fugindo à pressão local, iam embora sem nunca mais regressar, nem mesmo pela ocasião do falecimento dos familiares (Benathar, 2015).

¹ Consta no registro de nascimento a expressão *inno-cente*, isto é, criança que morre logo ao nascer. Registro de Nascimento. Termo: 167/168. p. 93. Ano 1890.

Em 1948, ao abordar o modo de viver em Gurupá, o antropólogo americano Charles Wagley relata pela ótica de seus interlocutores judeus como seria o panorama na primeira metade do século XX: regozijo nos dias prósperos durante o Ciclo da Borracha, as dificuldades de vida em condições precárias na Amazônia e o desprezo dispensado a estes pelos moradores cristãos. Alegria Castiel, uma de suas interlocutoras, perdeu 9 dos 12 filhos que tivera antes de partir para Porto Velho (Benathar, 2015). No CJG, encontra-se o túmulo de Sultana Castiel (1906–1922, T21), uma de suas filhas que faleceu em tenra idade. Dos filhos de Moyses e Alegria Castiel, o livro de nascimentos² registra a existência de três filhos: Jacob (1899), Raquel (1902), Miguel/Mair (1903), não tendo sido encontrado o registro de Sultana.

Em termos de acesso ao cemitério, estão inumados no CJG tanto indivíduos adultos quanto não-adultos. As regras de nomeação oficial e religiosa de indivíduos no período de uso do cemitério (segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX) normalmente não contemplavam a dissociação de sexo biológico e gênero como conceito social normativo. Assumimos então como premissa que nomes masculinos inscritos nas lápides do cemitério devem corresponder a indivíduos do sexo e de gênero masculino, o mesmo *rationale* sendo válido para os nomes femininos. Sendo assim, e consi-

derando-se que: (I) existe um túmulo provavelmente coletivo (T20) em que estão inscritos nomes de 6 indivíduos e que (II) 9 túmulos (9/29, 31%) não trazem inscrições lapidares, podemos inferir um total de 25 indivíduos identificáveis, sendo que 8 destes (32%) são do sexo feminino (concentrados de forma geral na metade Sul-Sudeste do cemitério) e 17 (68%) são do sexo masculino.

Os dois túmulos menores nos quais provavelmente foram inumadas crianças (T06 e T15) não apresentam inscrições e é impossível atribuir gênero aos seus ocupantes.

Em termos de periodização do uso do espaço, é válido ressaltar que nove dos 29 túmulos não apresentam data de óbito por motivos vários: suas lápides foram roubadas, as inscrições encontram-se apagadas, o túmulo está parcialmente destruído ou aparentemente nunca tiveram inscrições dedicatórias. Os demais apresentam data de óbito no calendário hebraico e em seis túmulos aparecem também a data ou, pelo menos, o ano do óbito em calendário cristão. Em quatro túmulos, aparecem datas de nascimento do respectivo ocupante. A partir das datas obtidas, podemos afirmar que o cemitério esteve em uso para inumações pelo menos a partir de 1886 e que este prolongou-se até pelo menos 1950, ano da lápide mais recente (T25), perfazendo uma média de pelo menos quatro indivíduos inumados por década entre 1886 e 1929, com uma fase posterior nas duas décadas seguintes em que

² Respectivamente, Registro de Nascimento. Termo: 283. p. 95. Ano: 1899; Termo: 339. Ano: 1902; Termo: 363. Ano: 103. Cartório Lobato.

não há nenhuma inumação no espaço. Por fim, aparece apenas um enterramento no ano de 1950 (T25).

Entre os moradores mais velhos da vizinhança ainda existe a memória dos dois últimos sepultamentos, ao qual atenderam apenas familiares dos mortos, mas que foram acompanhados à distância com curiosidade pela comunidade do entorno que descreve algumas peculiaridades previstas em leis talmúdicadas nos ritos funerários de Jacob Marcos Benathar (T25) e Simão Benayon. Estes manifestaram aos familiares em vida como deveriam ser enterrados, mesmo num contexto em que a comunidade judaica de Gurupá já estava em franco desprendimento das suas tradições (Benathar, 2015).

Nas lápides que passaram pelo processo de tradução, não foi possível identificar o túmulo de Simão Benayon. Entretanto, mediante as informações fornecidas pela família sobre os costumes judaicos deste, a ausência de sua *matzvat* no cemitério pode ser atribuída à carência de informação do procedimento funerário por parte dos familiares então vivos, todos já convertidos ao cristianismo. Os irmãos do morto, Jacob e Salomão, ambos praticantes do judaísmo já não estavam mais vivos, e, ao que se sabe, já não havia mais judeus nesta região. É possível afirmar que, com a morte de Marcos Benathar e Simão Benayon, e com a partida de Gurupá da família Castiel, se encerra o uso do espaço cemiterial como ditado pelas tradições talmúdicadas no início da década de 1950.

Discussão e conclusão

Os túmulos 06, 10 (Figura 9), 11, 12 e 13, que formam um *cluster* bem definido à entrada do cemitério, podem corresponder às estruturas mais antigas no CJG, representando uma fase embrionária da *Chevra Kadisha*. Os materiais empregados na construção de quase todos (exceto o T06) são de proveniência local e de fácil aquisição. Não há uso de argamassa industrializada em nenhum deles e nem qualquer evidência material de colocação da *matzeivá*, elemento fundamental do sepultamento judaico. Há algumas explicações possíveis para esta ausência: as famílias desses cinco indivíduos abandonaram a cidade pouco após os enterros, não completando o ritual, ou não tiveram condição financeira de o fazer; ou a *Chevra Kadisha* em fase inicial não dispunha do conhecimento mais aprofundado do dogma. A hipótese financeira é pouco provável. Como os túmulos 16, 20, 22, 23 e 29 provam, mesmo na ausência da lápide, formas alternativas de inscrições eram aplicadas.

O túmulo 20 é uma ocorrência inusitada no cemitério e, se de facto contém seis indivíduos, contradiz o dogma talmúdico da inumação individual³. Duas hipóteses podem explicar suas inscrições: uma seria a transladação de mortos sepultados em um cemitério não judaico para o CJG como previsto na lei rabínica.

³ Rabino Moisés Elmescañy, comunicação pessoal 21/11/2017.



Figura 9. Túmulo 10 construído com tijolos maciços artesanais e pequenas pedras.

Contudo, ao serem reenterrados, seria expectável que o fizessem em diferentes túmulos ou que, pelo menos, ficassem registradas várias datas referentes aos diferentes óbitos. Uma segunda hipótese seja a de que o túmulo contenha apenas um indivíduo (morto em 28/08/1915) e que os demais nomes se refiram a pessoas conhecidas do morto cujos corpos não puderam ser recuperados após o óbito. Este tipo de enterro simbólico é dispensado, por exemplo a vítimas de grandes tragédias cujos corpos por algum motivo não estão disponíveis para o ritual⁴.

Os mortos inumados no CJG não correspondem à totalidade de óbitos de indivíduos judeus do município de Gurupá

entre 1886 e 1950. Existem túmulos judaicos na comunidade do Carrazedo (Benathar, 2015) e relatos orais foram recolhidos sobre um terceiro cemitério do mesmo período que existiria na comunidade do Moju, à margem do rio homônimo na Ilha Grande de Gurupá. Fontes primárias atestam a presença de várias famílias judaicas nesta comunidade entre finais do século XIX e primeiras décadas do século XX (Benathar, 2015). Devido ao alto grau de destruição do Cemitério de Santo Antônio, é impossível saber se haveria alguma área segregada para enterramentos judaicos no seu interior. As informações disponíveis da pouca cultura material presente no cemitério cristão apontam para seu uso contemporâneo à necrópole judaica, mas a história oral local sugere que seu início como espaço funerário seria anterior. De qualquer forma, seguindo a

⁴ Rabino Shamaí Ende, Sinagoga Ieshivá Tomchei Tmimim Lubavitch Ohel Menachem, São Paulo. Informação disponível em: http://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/3418520/jewish/A-Colocao-da-Matsev.htm.

tradição talmúdica, é possível que tenha havido muitos enterramentos particulares, principalmente na zona rural.

A cronologia relativa do CJG oferecida pelas inscrições tumulares sugere uma média de 4,75 enterramentos por década entre 1886 e 1929 (embora este número tenha sido maior se considerarmos as lápides sem inscrições e os túmulos ainda por evidenciar). Contudo, entre 1930 e 1949 não aparece nenhum registro material de enterramento entre as lápides datadas, sendo de 1950 o último ainda identificável. Várias razões podem estar relacionadas ao pouco uso do espaço nas décadas de 1930 e 1940 e seu abandono na década seguinte. As principais são de cunho econômico, social e religioso.

Benchimol (1998), embora ressalte a importância das comunidades judaicas enquanto pioneiras na interiorização do comércio e consequente prosperidade para o interior do Pará e mais especificamente para o Baixo Amazonas, admite que estas falharam em produzir uma cadeia produtora de bens e serviços duradoura e sustentável. Quando a concorrência da borracha asiática atinge de forma dramática o mercado local, toda a rede comercial judaica no interior colapsa e com ela colapsam as comunidades judaicas, gerando um novo êxodo, desta vez do interior para as grandes cidades amazônicas (Belém e Manaus) ou outros centros urbanos em regiões economicamente mais viáveis. É expectável que, com o fim desse ciclo econômico, uma

parte da comunidade judaica de Gurupá tenha aderido a esta diáspora e isto tenha contribuído para o declínio do uso de cemitério.

Com a desestruturação da comunidade e provável perda de membros fundamentais para sua malha religiosa, os judeus remanescentes, muitos filhos de uniões entre judeus e cristãos (Benathar, 2015) foram aos poucos abandonando a fé dos seus ancestrais. Evidência deste abandono é a existência na cidade de integrantes de algumas famílias originalmente judaicas (nomeadamente Benathar, Sicsu e Benayon) os quais, apesar de valorizar sua herança cultural familiar, já não praticam mais o judaísmo. A adoção da fé cristã por essas famílias contribuiu para o desuso do CJG.

O abandono da fé judaica nessas famílias, implicou num abandono da língua hebraica e, com a morte dos mais velhos que ainda a dominavam, os túmulos cujas dedicatórias estão nesse idioma foram caindo no esquecimento. Apesar dos moradores atuais que têm sobrenomes judaicos relatarem que seus “parentes” ou “ancestrais” estão lá enterrados, apenas são de facto identificados como ancestrais reconhecidos e declarados aqueles cujos nomes aparecem em alfabeto latino.

O Cemitério Judaico de Gurupá permanece como evidência material da história dos judeus no interior da Amazônia. Mais do que isso, é um símbolo e um elemento do imaginário popular sobre uma

época vista como dourada para a história local. Para além do mistério das suas lápides em língua estrangeira, ele é em si a materialização da presença de um povo misterioso mesmo para aqueles que trazem os sobrenomes escritos nos túmulos do local. Sua preservação é uma incógnita e depende muito da ação de alguns moradores do local e dos poucos familiares que ainda se identificam com seus ocupantes.

Agradecimentos

Os trabalhos de campo aconteceram no âmbito do sítio-escola internacional de Arqueologia do Museu Paraense Emílio Goeldi por meio do projeto Origens, Cultura e Ambiente (OCA), em cooperação com a Middle Tennessee State University. O trabalho de campo contou com a inestimável ajuda dos estudantes de Arqueologia deste sítio-escola e de jovens voluntários da comunidade alunos das escolas locais. Nossos agradecimentos vão também para os cidadãos de Gurupá que contribuíram com valiosas informações e para as autoridades locais que apoiam as iniciativas de pesquisa no município, principalmente à Sra. Raimunda Vieira Carvalho, antiga zeladora do cemitério e vizinha deste há mais de 70 anos. Agradecemos a ajuda do Rabino Moisés Elmescany e sua esposa que tão prestativamente acolheram nossas perguntas sobre o tema.

Referências bibliográficas

- Benathar, C. L. L. 2015. *História e memória de Judeus em Gurupá: um estudo de caso a partir dos Aben-Athar (1890–1900)*. Trabalho de conclusão de curso. Faculdade de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará.
- Benchimol, S. 1998. *Eretz Amazônia — os Judeus na Amazônia*. Manaus, Valer.
- Benchimol, S. 2009. *Amazônia — formação social e cultural*. 3.ª ed. Manaus, Valer.
- Bloch-Smith, E. 1992. *Judahite burial practices and beliefs about the dead*. JSOT/ASOR Monograph Series. JSOT Press, Sheffield.
- Falbel, N. 2008. *Judeus no Brasil — estudos e notas*. São Paulo, EDUSP.
- Hachlili, R. 2005. *Jewish funerary customs, practices and rites in the Second Temple Period*. Leiden, Brill.
- Lima, T. A. 1994. De morcegos e caveiras a cruzes e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais). *Anais do Museu Paulista*, 2(1): 87–150. DOI: 10.1590/S0101-47141994000100010.
- Meira, M. A. F. 2017. *A persistência do aviamento: colonialismo e história indígena no Noroeste Amazônico*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS), Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.
- Moreira, E. 1989 [1972]. *Obras reunidas de Eidorfe Moreira — presença hebraica no Pará*. Vol IV: 9–32. CEJUP.

- Programa Lugares da Memória. 2015. *Cemitério israelita do Butantã*. Memorial da Resistência de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://docplayer.com.br/85011912-Programa-lugares-da-memoria.html>.
- Reis, J. J. 1991. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Silva, F. A. 2009. Etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi — Ciências Humanas*, 4(1): 27–37. DOI: 10.1590/S1981-81222009000100004.
- Tzippel, R. N. 2012. *Guia do enlutado*. Rio de Janeiro, Associação Religiosa Israelita Chevra Kadisha do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.chevrakadisha.com.br/guia-do-enlutado.pdf>.